

O Subjetivismo Radical na retórica de Kirzner e a tentativa de reinvenção da Escola Austríaca

Lucas Casonato¹

Resumo

Este artigo discute como Kirzner empregou estratégias retóricas para tentar direcionar a Escola Austríaca depois de ter contribuído para sua ressurgência. Para tanto, o trabalho esclarece sua interpretação para a teoria adotada por uma parcela dos membros da Escola Austríaca, que Kirzner denominou de Subjetivismo Radical. Isso permite contrastar essas teses e explicar suas diferenças, uma vez que concorriam pela audiência Austríaca durante a consolidação da Escola Austríaca Moderna na década de 1980. O artigo sustenta que as implicações da incerteza para a teoria econômica explicam suas divergências. Com base na cronologia dos textos de Kirzner e seus respectivos contextos, o artigo também discute as motivações que o levaram à diferenciação retórica em seus trabalhos. Como conclusão, argumenta-se que Kirzner tentou reinventar a Escola Austríaca, mas não conseguiu.

Palavras-chave: Israel Kirzner; Retórica; Economia Austríaca; Escola Austríaca; Subjetivismo Radical.

Abstract

This article discusses how Kirzner employed rhetorical strategies to try to lead the Austrian School after having contributed to its resurgence. Therefore, the work clarifies his interpretation for the theory adopted by a part of the members of the Austrian School, which Kirzner called Radical Subjectivism. This makes it possible to contrast these theses and explain their differences, as they were competing for the Austrian audience during the consolidation of the Modern Austrian School in the 1980s. The article argues that the implications of uncertainty for economic theory explain their divergences. Based on the chronology of Kirzner's texts and their respective contexts, the article also discusses the motivations that led him to rhetorical differentiation in his works. In conclusion, it is argued that Kirzner tried to reinvent the Austrian School but failed.

Keywords: Israel Kirzner; Rhetoric; Austrian Economics; Austrian School; Radical Subjectivism.

JEL: B25; B31; B53.

Área de submissão: Área 1: História do Pensamento Econômico e Metodologia.

¹ Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: casonato.economia@gmail.com

1. Introdução

É recorrente na história da economia a atitude de autores buscarem reivindicar uma herança teórica a fim de oferecer uma tese e/ou se se posicionar em um debate. Arida (1996) denominou essa iniciativa de “reinvenção da tradição”. São exemplos de tentativas de reinventar a tradição as relações entre: Smith e os mercantilistas, Marx e os socialistas utópicos, Keynes e Malthus, Robert Lucas e Hayek, entre outros. A iniciativa também é útil para se aproximar ou afastar de determinada recomendação de política econômica ou posição teórica. Isso é feito, geralmente, por meio da associação de tais práticas ou ideias a um personagem ou corrente de pensamento, o que pode ser apoiado pela conjunção das ideias com as quais se quer estabelecer uma relação sob um mesmo título que sirva de base para comparação durante a exposição das alternativas teóricas.

Um caso interessante de tradição reinventada é o da Escola Austríaca. Até 1970 ela era considerada incorporada pelo *mainstream* ou sem contribuições relevantes que lhe particularizassem como abordagem distinta (Boettke, 1995). A partir de 1970, entretanto, o grupo atraiu novos interessados e se reorganizou como escola de pensamento, fenômeno denominado de “*Austrian Revival*” (Vaughn, 1994). Depois disso, alguns historiadores do pensamento econômico passaram a se referir ao grupo pelo nome de “Escola Austríaca Moderna” (e.g. Vaughn, 1994; Barbieri, 2008).

O interesse a que se faz referência reside no fato de terem existido pelo menos três interpretações parcialmente excludentes acerca dos elementos centrais da teoria Austríaca na época de ressurgência da escola. Essas leituras particulares foram realizadas pelos próprios protagonistas na recuperação da abordagem: Israel Kirzner, Ludwig Lachmann e Murray Rothbard (Vaughn, 1994). O debate interno à escola durante a década de 1980 que resultou dessas divergências, os distintos rumos das ideias aí envolvidas, e o aparente consenso entre as teses de Kirzner e Lachmann proposto por O’Driscoll e Rizzo (1985) são episódios já documentados por historiadores do pensamento que estudaram a Escola Austríaca, como Vaughn (1994), Barbieri (2008) e Casonato e Angeli (2019).

Porém, é curioso notar que Kirzner tenha oscilado entre aceitar ou não um conjunto de autores como parte da Escola Austríaca Moderna, especialmente Lachmann e seus seguidores, identificados na obra kirzneriana como “Subjetivistas Radicais”. Alguns exemplos da tensão na postura de Kirzner em relação ao grupo são: Kirzner (1992b [1987]) reconhecer que o termo “*Austrian economics*” possa compreender os defensores da incerteza radical; a distinção entre Subjetivistas Radicais e Austríacos, que Kirzner (1989) separou pela uso da tendência ao equilíbrio, defendida como elemento fundamental da teoria econômica Austríaca; a distinção entre Subjetivismo Radical e o “*modern Austrian revival*”, com Kirzner (2015f [1995]) os separando pelos diferentes usos do subjetivismo; e, finalmente, pelo reconhecimento dos Subjetivistas Radicais como parte da Escola Austríaca Moderna em Kirzner (2000b [1997]).

A curiosidade resulta de ser conhecida a iniciativa kirzneriana durante as décadas de 1980 e 1990 de estabelecer uma versão própria do que seria central à teoria Austríaca, a junção das ideias de Mises e Hayek, e a busca por definir a agenda de pesquisa do grupo (Casonato e Angeli, 2019; Casonato, 2021a). Postura que esteve associada ao seu uso da “tese de Garrison”, a interpretação de que a teoria da Escola Austríaca ocupa um papel intermediário entre as visões da economia Neoclássica e do Subjetivismo Radical.

Embora outros trabalhos já tenham discutido as diferenças teóricas entre Kirzner e Lachmann (e.g. Vaughn, 1994; Barbieri, 2008), a aproximação kirzneriana à audiência lachmaniana (e.g. Jakee e Spong, 2003; Korsgaard *et al.*, 2016), e as implicações da interpretação de Kirzner sobre a incerteza no Subjetivismo Radical em relação à sua teoria (e.g. Casonato e Angeli, 2021b, 2021c); ainda falta uma compreensão mais profunda acerca do arcabouço teórico identificado por Kirzner nos Subjetivistas Radicais.

Isso é relevante porque, embora Kirzner tenha tentado se afastar do Subjetivismo Radical, ele não adotou a postura conveniente de tecer apenas criticar e se distanciar de seus seguidores. Pelo contrário, reconhecendo uma herança Austríaca comum a eles com base em Menger, Mises e Hayek, Kirzner não negligenciou suas ideias, mantendo o diálogo aberto e posicionando sua teoria em relação a deles, como será demonstrado.

Este artigo explora as características teóricas particulares ao Subjetivismo Radical segundo o pensamento econômico kirzneriano, objetivando apontar quais especificidades Kirzner buscou caracterizar por meio dessa denominação. Em específico, são apontadas as motivações do autor, considerando o contexto de ressurgência da Escola Austríaca em que ele disputava com Lachmann acerca dos limites da incerteza na teoria Austríaca.

Além desta introdução, o artigo conta com mais quatro seções. Na segunda seção são discutidos alguns elementos retóricos que serão utilizados na avaliação dos trabalhos de Kirzner, bem como algumas evidências de que ele moldou sua argumentação de acordo com seus auditórios. A terceira seção resgata a visão kirzneriana acerca do Subjetivismo Radical, enquanto na quarta seção são destacados os elementos que Kirzner enfatizou em sua obra para se diferenciar desse grupo. Por fim, a quinta e última seção discute as motivações que fizeram Kirzner usar uma denominação diferenciada para uma parte dos continuadores da economia Austríaca, chamando-os de Subjetivistas Radicais.

2. A retórica e a obra de Kirzner

Esta seção assume as contribuições existentes na literatura que identificaram que Kirzner tentou dialogar com auditórios distintos ao longo da carreira (e.g. Vaughn, 1994; Barbieri, 2008; Jakee e Spong, 2003; Korsgaard *et al.*, 2016; Casonato e Angeli, 2019, 2021b, 2021c; Casonato, 2021a). A partir disso, procura ressaltar a importância da análise retórica da obra do autor, a fim de contribuir com a explicação sobre suas motivações durante a caracterização do grupo que ele nomeou de Subjetivistas Radicais.

A análise da retórica permite fazer investigações diversas, e entre elas podem ser destacadas aquelas que buscam identificar: a relação entre autor e conteúdo; a audiência pretendida; os fins objetivados na construção do discurso; e a distinção na argumentação para atender a diferentes auditórios (McCloskey, 1998b [1985]).

A importância deste tipo de investigação foi defendida por McCloskey (1998b [1985]) pelas possibilidades de ampliar a metodologia da economia. Já Fernández (2003), reconhecendo que o auditório pretendido na retórica é aquele cuja opinião é relevante para o orador, defende que isso influencia a composição da argumentação, motivo para sua análise. Como mostra Vieira (2007), compreender a estratégia usada nos discursos econômicos permite maior profundidade na compreensão da história da economia.

Trabalhos de análise retórica ilustram a importância desse tipo de iniciativa. Por exemplo, Bianchi e Salviano Junior (1996 [1984]) mostraram como Prebisch [1950] formatou sua argumentação no texto de fundação da CEPAL em razão do público misto de seu auditório, entre apoiadores ou não de políticas industriais. Em outro caso, Bianchi (2003) também contrastou esse mesmo documento com outro discurso de Prebisch [1949] pró-industrialização da América Latina e alinhado às ideias cepalinas, mas cuja audiência era mais unânime neste ideal. Por sua vez, Fernández e Pessali (2003) analisaram as mudanças de argumentação de Williamson para a consolidar a “Economia dos Custos de Transação” como uma agenda de pesquisa. Já Vieira (2007) escrutinou a “Teoria Geral” de Keynes para mostrar como ele utilizou argumentos retóricos para construir, defender e disseminar suas ideias.

Assim, a análise da retórica permite aumentar a compreensão acerca de um autor e/ou seu contexto. O presente artigo se baseia na proposta de McCloskey (1998b [1985]) de observar a construção de uma audiência por parte do orador. Com isso, será mostrado

como Kirzner cria, de maneira retórica, uma abordagem que ele pretende distinguir da Escola Austríaca, o Subjetivismo Radical.

2.1. A retórica kirzneriana

No início da década de 1980, Garrison (1982) propôs que a economia Austríaca deveria ser compreendida como uma posição intermediária entre teses opostas no uso de alguns elementos teóricos. Para o autor, se a economia Neoclássica está em um extremo, há um correspondente simétrico que representaria a total negação da visão neoclassicista. Com isso, seria possível situar a teoria Austríaca entre os dois limites.² Porém, Garrison não posicionou nenhuma escola ou autor como diametralmente oposto à tese Neoclássica. Kirzner (1992a) denominou essa proposição de “tese de Garrison”, usada para reafirmar que a economia Austríaca ocupa posição intermediária com relação a pressupostos sobre o conhecimento e a propensão do mercado à coordenação econômica.

Embora Garrison (1982) não tenha explicitado quem ocuparia a posição inversa ao *mainstream* da época, Kirzner (1992a, p. 3-4) o fez, atribuindo-a àqueles “who are profoundly sceptical concerning both the meaningfulness and the real world relevance of the equilibrium models of mainstream theory”. Kirzner ainda recordou ter utilizado essa interpretação anteriormente, referenciando o capítulo de um livro publicado por ele em 1985. No material em questão, Kirzner (2015a [1985]) foi preciso na definição do extremo não identificado por Garrison (1982), ao comparar duas visões para o papel do empresário na teoria econômica: a Neoclássica, baseada em T.W. Schultz, e a “alternativa”, representada por G.L.S. Shackle.

Com base em Boettke e Sautet (2009) é possível afirmar que essas duas visões teóricas sejam, respectivamente, a Escola Neoclássica e o Subjetivismo Radical, abordagens entre as quais Kirzner quis situar sua teoria da atividade empresarial. Logo, pela necessidade de posicionar sua proposta teórica em relação a esses diferentes grupos, apontando similaridades e diferenças, Kirzner precisou caracterizá-los.

A maneira pela qual Kirzner identificou essas abordagens se encontra dispersa ao longo de sua obra. Mas, como mostraram Jakee e Spong (2003) e Korsgaard *et al.* (2016), Kirzner distinguiu a argumentação acerca da sua própria teoria de acordo com a audiência objetivada. Com isso, é possível afirmar que Kirzner elegeu essas duas audiências como os principais auditórios com os quais procurou estabelecer canais de comunicação, a Escola Neoclássica e a Escola Austríaca.

Porém, é possível fazer um recorte ainda mais específico que aqueles considerados por Jakee e Spong (2003) e Korsgaard *et al.* (2016). No lugar de caracterizar os Austríacos de maneira geral, é possível identificar nos textos de Kirzner o grupo que ele denominou de Subjetivistas Radicais. Segundo o próprio Kirzner (1992b [1987]), um grupo também identificado como parte da Escola Austríaca, mas que teria uma interpretação particular acerca de determinados elementos teóricos. A partir de Vaughn (1994) e Barbieri (2008), é possível apontar que o Subjetivismo Radical foi um movimento que buscava enfatizar a incerteza no mercado e o caráter criativo das decisões humanas. Para tanto, defendeu o uso de maior subjetividade na interpretação dos fenômenos econômicos, chegando a sugerir o abandono da noção de equilíbrio para a economia.

Além de notar que Kirzner promoveu uma diferenciação retórica em seus textos de acordo com o auditório que pretendia atingir, a literatura também já apontou alguns métodos empregados por ele. São eles uma “abordagem comparativa” (Casonato e Angeli, 2021a) e o emprego de narrativas (Casonato, 2021b), ambas estratégias que se destacaram na tentativa de dialogar com o grupo mais geral dos economistas.

² Um exemplo usado por Garrison (1982) é o do conhecimento. Se em um extremo se supõe que ele é perfeito, como na visão Neoclássica, o entendimento oposto assumiria total a ignorância dos agentes.

De fato, a apreciação da obra de Kirzner mostra que ele oscila entre se aproximar ou distanciar da teoria dominante, o que se verifica pela diferenciação retórica de seus textos. Exemplo disso foi a discussão da teoria dos preços na década de 1970, quando o autor parecia sugerir alguma complementariedade entre sua abordagem e a da economia tradicional (e.g. Kirzner, 2013 [1973]), e foi entendido por outros desta maneira, como se vê em Vaughn (1994) e Foss e Klein (2010). Na década de 1990, entretanto, Kirzner se colocou mais explicitamente seu rompimento com a teoria convencional, sobretudo pela disseminação da tese da informação assimétrica (e.g. Kirzner, 1997).

Dois casos ilustram a diferenciação retórica realizada por Kirzner nestes mesmos momentos: sua discussão acerca da propaganda na teoria econômica (Casonato e Angeli, 2021b); e o papel da Lei da Indiferença de Jevons nas Escolas Neoclássica e Austríaca (Casonato e Angeli, 2021c). Em ambas as oportunidades, Kirzner procurou distanciar sua abordagem do Subjetivismo Radical ao admitir a tendência ao equilíbrio na economia e por dispensar a incerteza em seu sentido mais radical – como completa imprevisibilidade das ações econômicas.

Buscando ampliar a compreensão acerca do que Kirzner entendia que fosse a tese dos Subjetivistas Radicais, o presente artigo recupera o pensamento econômico do autor acerca do grupo. Para tanto, parte de duas premissas da análise retórica: (i) a nomeação de uma abordagem pode ser uma estratégia para aproximação daqueles cuja opinião é considerada relevante (e.g. Fernández, 2003); e (ii) a denominação da abordagem pode ser feita por um autor que pretenda se apresentar como superação a ela (e.g. Vieira, 2007). A caracterização do Subjetivismo Radical no pensamento kirzneriano e a análise retórica da argumentação de Kirzner sobre o grupo é feita na próxima seção.

3. O Subjetivismo Radical no pensamento econômico kirzneriano

De acordo com Vaughn (1994) e Barbieri (2008), a publicação do livro “*The Economics of Time and Ignorance*” por O’Driscoll e Rizzo em 1985 seria reflexo das controvérsias existentes na Escola Austríaca durante a década de 1980. Nesta leitura, o material seria uma tentativa de conciliação das visões dissidentes de Kirzner e Lachmann a respeito do processo de mercado.

No mesmo ano de publicação do livro, Kirzner (1994 [1985]) fez uma resenha do material e apontou que o debate interno à Escola Austríaca naquele momento era sobre como compatibilizar a ideia de incerteza genuína com uma teoria do processo de mercado que previsse forças sistemáticas que coordenassem a economia ao longo do tempo. Para Vaughn (1994) e Barbieri (2008), esse debate é contextualizado pelas diferentes propostas acerca do que constituiria a teoria Austríaca que serviria de base para a escola no período posterior ao “*Austrian Revival*”. Para os autores, a discussão opunha dois dos expoentes da Escola Austríaca na época, Kirzner e Lachmann, cuja diferença central seria quanto ao nível de subjetivismo a ser adotado na teoria econômica.

Essa diferença seria produto do próprio contexto de recuperação da economia Austríaca, já que até meados do século XX os economistas austríacos compartilhavam um conjunto razoavelmente bem definido de elementos teóricos: individualismo e subjetivismo metodológico; análise marginal; foco na utilidade; custos de oportunidade; e estrutura temporal no consumo e na produção (Kirzner, 1992b [1987]). Com o debate do cálculo socialista, a busca de Mises e Hayek por se diferenciarem da visão Neoclássica levou à ênfase em outros elementos da tese Austríaca, principalmente: a ação propositada e seu caráter especulativo; a falibilidade do conhecimento; e o processo de mercado como mecanismo de coordenação da economia. Na tentativa de formatar a Escola Austríaca a partir dessas novas ênfases, surgiram as visões dissidentes na década de 1970.

Kirzner entendia que o Subjetivismo Radical era tanto continuação quanto avanço da tradição subjetivista iniciada por Menger na economia (Kirzner, 1992b [1987]; 2015f [1995]). Como resultado, o grupo teria priorizado destacar a incerteza radical na sua teoria econômica (Kirzner, 1992a). Se a incerteza fosse considerada absoluta, não seria possível deduzir as ações dos agentes e, por extensão, os rumos do processo de mercado. Logo, a qualquer momento as ações individuais e os resultados do processo de mercado estariam previamente indeterminados, ou seja, não teriam relação com as condições objetivas prévias. Para Kirzner (1992a), essa indeterminação implicaria que as ações fossem consideradas independentes da realidade subjacente ao tomador de decisão, sujeitando suas escolhas à mais ampla e repentina volatilidade.

A preocupação de Kirzner com essa total indeterminação das decisões remonta pelo menos à década de 1960. No pensamento kirzneriano, essa ideia se baseia na busca por romper com a teoria da escolha da economia tradicional. A proposta mais subjetivista seria substituir a noção de escolha individual baseada no cálculo mecânico de maximizar a utilidade, que depende de um conjunto prévio de informações, pela ação pautada na imaginação e na criatividade, sem nenhuma relação com o passado (Kirzner, 1967).

A admissão de completa indeterminação das decisões faria com que todas as ações humanas fossem consideradas imprevisíveis (Kirzner, 2015d [1976]), porque permitiria ao indivíduo uma espontaneidade tamanha que acabaria por torná-lo capaz de determinar suas próprias preferências a cada escolha (Kirzner, 2015e [1992]). Logo, cada decisão seria considerada uma expressão das expectativas que o agente possui naquele instante particular, dando total autonomia à mente humana no processo decisório, livre de qualquer influência externa (Kirzner, 2015f [1995]).

O entendimento de Kirzner sobre a proposta Subjetivista Radical para o processo decisório foi expresso mais vezes e em maior profundidade depois da década de 1970 pela ressurgência da Escola Austríaca. Mas, também nos anos 1960, Kirzner já estava preocupado com as implicações mais subjetivistas para a teoria da ação empresarial. Os mesmos elementos que resultam na indeterminação da escolha individual aparecem na resenha feita por Kirzner (1967) do livro de Shackle.³ Na leitura kirzneriana, o empresário aparece na obra resenhada como um agente responsável por inovar no ambiente em que atua, o que caracteriza suas ações como imprevisíveis. Porém, essa interpretação depende de ignorar que o empresário é o agente que tem como função solucionar problemas no mercado, e, segundo Kirzner, estes teriam de ser prévios à ação e condicionantes desta – relacionando as decisões empresariais às condições econômicas que lhe são anteriores.

Por isso Kirzner (2015a, [1985]) atribuiu ao Subjetivismo Radical a interpretação do empresário como promotor espontâneo de novidades, responsável por modificar as condições existentes de maneira imaginativa. Mas, como Kirzner pondera, isso faz mais do que libertar o empresário do mecanicismo da teoria econômica tradicional, resultando também na impossibilidade de relacionar teoricamente os fenômenos de mercado, já que toda atividade empresarial estaria livre de influências externas à mente do empresário.

Como resultado dessa completa independência das decisões individuais se tem a total indeterminação do futuro. Como argumentado em Kirzner (1979), se não é possível relacionar as ações às condições presentes e/ou eventos prévios, não há como analisar de maneira integrada um conjunto de fenômenos. Portanto, a completa imprevisibilidade das ações é transferida para o resultado do processo de mercado.

Ademais, essa interpretação acaba por excluir, para Kirzner (1992a), a noção de erro empresarial. Porque, se o futuro é inerentemente incerto, já que independente do presente, as condições de preferências e escassez futuras seriam apenas expectativas com

³ Personagem considerado por Kirzner (1992b [1987]) uma das principais influências sobre o subjetivismo radical de Lachmann.

base na imaginação. Disso resulta a impossibilidade de uma ação especulativa se mostrar errada, porque, não existindo um futuro correto, não há como errar em relação a ele. Só haveria erro se, existindo um futuro previamente determinável, se especulasse de maneira equivocada em relação a ele.

Se as ações e seus resultados não podem ser relacionados no tempo, porque cada decisão é indeterminada, não há como relacionar os fenômenos econômicos e analisar as regularidades econômicas. Isso não só excluiria a possibilidade de qualquer tendência ao equilíbrio, como também colocaria em questionamento a pertinência desse conceito para a teoria econômica (Kirzner, 2000b [1997]). Porque as condições subjacentes presentes na previsão do equilíbrio poderiam ser completamente modificadas, já que estão sujeitas a mudanças diversas, desde as provocadas pelos eventos exógenos até as causadas pelas ações individuais (Kirzner, 1992a). Essas infinitas possibilidades tornariam dispensáveis quaisquer preocupações momentâneas com um determinado estado futuro de coisas.

Portanto, segundo Kirzner (1994 [1985]; 1992c [1990]; 1992a; 2000b [1997]), a tendência ao equilíbrio seria impossível no Subjetivismo Radical pela admissão de que a realidade subjacente à tomada de decisão está sempre mudando. Isso provocaria uma descontinuidade na coordenação dos agentes no mercado, impedindo que o processo se direcionasse para qualquer ponto de repouso previamente imaginado, o equilíbrio.

Outra forma de entender a impossibilidade de uma tendência ao equilíbrio na tese Subjetivista Radical é observar que ela assume que as ações especulativas não podem errar, dado que não existe um futuro determinado ao qual elas possam ou não corresponder. Esse resultado implica que os agentes não podem aprender, uma vez que suas ações não estão sujeitas ao erro. Sem erro, segundo Kirzner (1992a), não há aprendizado, e perde-se o mecanismo que incentiva a revisão de planos pelos agentes individuais para tornarem suas ações mais compatíveis com o mercado.

Como visto, o Subjetivismo Radical foi apresentado por Kirzner como um grupo adepto da teoria Austríaca, também oposto à economia Neoclássica, motivado tanto pela busca por uma nova teoria da decisão quanto pela insatisfação com o uso da noção de equilíbrio no lugar de processo. No distanciamento da tese Neoclássica, a ênfase na condição de incerteza levou a uma ruptura total com a teoria tradicional da tomada de decisão, excluindo qualquer influência externa sobre a ação individual, entendida como determinada apenas pela imaginação do agente econômico. Como consequência, isso tornaria impossível elencar fatores externos como condicionantes da tomada de decisões. Por extensão, também ficaria negada a relação entre o processo de mercado e a realidade na qual ele ocorre, impedindo que fenômenos interligados sejam interpretados a partir das regularidades econômicas que eles provocam, como a tendência ao equilíbrio.

Uma análise retórica da construção de uma teoria Subjetivista Radical no discurso de Kirzner mostra que ele: buscou se aproximar do auditório em questão, já que com o ramo da economia Austríaca também compartilhava críticas em relação à teoria tradicional; procurou criar dúvida sobre a pertinência da tese ao enfatizar os resultados mais curiosos da teoria – total indeterminação da decisão individual e dos resultados do processo de mercado, a impossibilidade do erro e do aprendizado – que confrontam os aspectos mais bem estabelecidos na teoria tradicional e que são compartilhados por outros adeptos da teoria Austríaca.

Sistematizado o pensamento econômico de Kirzner sobre o Subjetivismo Radical, é possível discutir qual é a relação da teoria kirzneriana com a interpretação que Kirzner propôs para a tese desse grupo mais subjetivista, o que é realizado na próxima seção.

4. A visão teórica de Kirzner em relação ao Subjetivismo Radical

Kirzner admitiu pontos em comum entre sua teoria e a do Subjetivismo Radical. Na crença de que ambas seguem a tradição Austríaca, o primeiro ponto comum seriam as linhas metodológicas gerais, tais como: o subjetivismo, a ênfase na ação humana propositada, as críticas aos modelos de equilíbrio que negam a noção de um processo no mercado, a desconfiança quanto às tentativas de mensuração objetiva na economia e o ceticismo quanto ao uso de dados objetivos como evidências para validações teóricas (Kirzner, 2015d [1976]).

É possível afirmar que o Subjetivismo Radical, como apresentado por Kirzner, se aproximava da leitura que o autor fazia da Escola Austríaca que tomava forma depois do movimento de sua recuperação na década de 1970. Isso justifica a posição kirzneriana de reconhecer seu próprio subjetivismo como intermediário entre a Escola Neoclássica e a visão mais radical entre os Austríacos, como notam Boettke e Sautet (2009). Portanto, é justificável que Kirzner (1992a) tenha endossado a “tese de Garrison”.

Considerando a existência dessas três perspectivas para o subjetivismo na teoria econômica – em gradação do menor ao maior subjetivismo: Escola Neoclássica, Escola Austríaca e o Subjetivismo Radical – a partir da “tese de Garrison”, Kirzner buscou posicionar sua interpretação para questões como: (I) natureza do processo decisório; (II) papel empresarial na economia; (III) função e natureza do equilíbrio; (IV) a tendência ao equilíbrio; e (V) determinação do resultado do processo de mercado.

Sobre (I) a tomada de decisão, Kirzner não se pautou na autonomia total da mente humana assumida pelos Subjetivistas Radicais, o que tornaria as escolhas inteiramente imprevisíveis. Contrariando a leitura mais subjetivista, não admitiu que todo ato decisório fosse completamente indeterminado, porque as expectativas dos indivíduos estariam ancoradas em fatos conhecidos da realidade. Porém, semelhante aos mais subjetivistas, assumiu que a ação também não está determinada, porque o agente econômico é quem define sua própria estrutura de fins e meios em um ato criativo. Logo, em Kirzner (2015f [1995]), o processo decisório não fica relegado à simples imaginação do indivíduo, porque na proposta kirzneriana fica estabelecida uma ligação entre aquilo que existe para ser descoberto, as expectativas individuais, e as ações que realizadas com base nisso.

Esse posicionamento sobre a tomada de decisão decorre da interpretação que Kirzner (2015c [1967]) ofereceu sobre o que determina o processo decisório. Sua tese estabeleceu a existência de uma característica humana responsável por fazer a mediação entre a realidade observável e o processo mental que molda a decisão do agente econômico, o estado de alerta que identifica e explora oportunidades de lucros puros. Esse aspecto da natureza humana permite que o tomador de decisões não fique confinado às restrições com que se depara, antes, possibilita que ele busque o melhor curso de ação, quando pode exercitar a imaginação e criatividade.

A admissão do elemento empresarial faz avançar o entendimento da ação humana com relação a tese subjetivista de total indeterminação da decisão, porque a própria identificação da realidade e a formação de expectativas depende de que o agente esteja se deparando com o que são, na sua interpretação especulativa, fatos objetivos.

A busca kirzneriana por descrever uma versão própria da tomada de decisão implicou na alegoria do empresário como um agente a ser destacado na teoria econômica. Mas Kirzner não quis defender a aderência desse personagem aos indivíduos no mundo real, antes, utilizou essa roupagem para apontar o (II) elemento empresarial especulativo que acredita inerente a todo processo decisório.

No debate com o Subjetivismo Radical o empresário foi resgatado como aquele que junta as amarras oferecidas por uma realidade econômica objetiva, promovendo

maior integração entre as decisões, maior coordenação. Assim, a função empresarial fica como responsável pela criação da ponte que une duas atividades econômicas.

Segundo Kirzner (2018b [1984], p. 205), “[t]here appear to be three major types of concrete entrepreneurial activity: arbitrage activity, speculative activity, and innovative activity”. E para ele todas são arbitragens, no instante ou ao longo do tempo, bem como o fato de os dois primeiros caso independentem da realização de uma inovação. Por isso Kirzner aponta a definição do estado de alerta como abrangente o suficiente para incluir os três casos, já que possuem como denominador comum a arbitragem.

Destaca-se que nas três formas de ver a atividade empresarial há um palpite sobre o valor real daquilo que se está adquirindo. Um conhecimento que só o empresário possui, porque criado por ele mesmo durante sua especulação, permitindo a realização de lucros puros se o diferencial de preços de fato existir, ou seja, se o mercado revelar a existência de um equívoco anterior na avaliação dos valores (Kirzner, 2018b [1984]). Desta forma, o estado de alerta empresarial associa a própria novidade a algo que tem alguma ligação às condições existentes no mercado, até então não descobertas, sejam elas objetivas ou latentes nas expectativas dos indivíduos (Kirzner, 2015a [1985]).

Desta forma, a ação empresarial, tal como as demais decisões sob consideração na abordagem kirzneriana, também não está previamente determinada. Para Kirzner as realidades subjacentes inspiram e moldam as ações empresariais, mas é a imaginação tem o papel de complementar as decisões, porque estas são inerentemente especulativas em razão do ambiente de incerteza em que são realizadas (Kirzner, 1992a).

Considerada a natureza e os aspectos da tomada de decisão, cabe dar um salto para investigar o resultado último do processo de mercado, já que é com referência a ele que será destacado aquilo que acontece durante processo. Esse é um primeiro ponto de ruptura entre Kirzner e os Subjetivistas Radicais, já que Kirzner (1992a) assumiu o (III) equilíbrio de maneira teleológica, um ponto de chegada hipotético da economia, útil apenas para aprimorar o entendimento do que acontece durante o processo de mercado.

Segundo Kirzner (2000c [1999]), a teoria Austríaca aponta para a existência de oportunidades de lucro a serem exploradas no mercado e, com isso, sinaliza uma situação de desequilíbrio. Mas, quando a tese postula a propensão de que tais oportunidades sejam descobertas e exploradas, está considerando a suposta situação resultante do esgotamento dessas oportunidades, o equilíbrio. Esse estágio último da competição seria útil como uma ferramenta para melhor compreender o que acontece no processo de mercado.

Se o estado de equilíbrio é apenas um ponto de referência teórico que serve de base para se colocar em perspectiva as movimentações no processo de mercado, cabe investigar a crença kirzneriana na (IV) tendência a ele. Este que foi outro ponto de ruptura entre Kirzner e os Subjetivistas Radicais, sendo este o tema do debate interno na Escola Austríaca durante a década de 1980.

A defesa que Kirzner faz da propensão ao equilíbrio pode ser analisada sob duas óticas: (IV.1) quanto à predisposição do próprio mercado a uma situação de convergência para um ponto de repouso por meio da eliminação das oportunidades de lucro; e (IV.2) com base na tendência de aprendizado dos agentes econômicos durante o processo de mercado. Essas óticas versam sobre a mesma questão, as consequências da ação: a intencional, com vistas ao que o agente espera, e a não-intencional, que o agente aprende por experiência na realização de uma ação.

Kirzner (2018a [1983]) explicou isso defendendo que a tendência ao equilíbrio no mercado, um estado de total coordenação, é promovido pela ação empresarial que elimina as oportunidades de lucro. Porém, como tal atividade não está confinada à arbitragem de preços no instante, sendo também especulativa e criativa, pode produzir novidades para testar se há lucros a serem descobertos, e, com isso, acaba oferecendo novo conhecimento

ao mercado, como aceito pelos Subjetivistas Radicais. Logo, à luz do conhecimento que antecede a ação, a atividade realizada é disruptiva, como querem os mais subjetivistas, mas, com base no novo nível de informação, a ação aumenta a coordenação na economia por dar maior coesão ao mercado à luz do conhecimento então ampliado pela descoberta empresarial.

Sobre (IV.1) a promoção da tendência ao equilíbrio por meio da eliminação das oportunidades de lucro, Kirzner (1994 [1985]) esclareceu que a atividade empresarial que coloca isso em movimento não depende da possibilidade de se alcançar um ponto de repouso. Antes, é ela quem reflete a tendência sistemática de os empresários virem a alcançar oportunidades de lucro que só existem em razão do desequilíbrio.⁴

Sobre (IV.2) a promoção da tendência ao equilíbrio por meio da propensão ao aprendizado dos agentes, Kirzner (1992a) observou que o Subjetivismo Radical assume tal condição de incerteza no ambiente econômico que tornaria o conhecimento tão falível que impediria a ocorrência de forças sistemáticas no mercado. Já na teoria kirzneriana do estado de alerta, um indivíduo está sempre propenso à descoberta e ao aprendizado, capaz de reduzir a ignorância sobre o contexto em que se vê inserido. Como isso vale para todos os agentes, o mercado caminharia rumo à maior coordenação econômica conforme fosse disseminado o conhecimento pela economia.

Independentemente da leitura que se faz da tendência ao equilíbrio, por extinção das oportunidades de lucro ou disseminação do conhecimento, a posição kirzneriana se destaca em relação ao Subjetivismo Radical. Kirzner sugere que a atividade empresarial provoca regularidades no processo de mercado, mas estas não estariam determinadas em direção a um resultado prévio, pelo mesmo motivo que as ações dos agentes também não estão – já que passíveis de imaginação, criatividade, especulação etc.

Por fim, aceitando que existem regularidades nos fenômenos econômicos, que são identificadas e caracterizadas pela tendência ao equilíbrio, cuja natureza é a relação entre a realidade no mercado e a imaginação dos tomadores de decisão, chega-se na discussão sobre a (V) determinação do resultado do processo de mercado. Para Kirzner: “[t]here is no natural set of forces or constraints assuring correspondence between the envisaged future and the realized future” (Kirzner, 1982, p. 148). Mas, se são as ações humanas que moldam o futuro, tal estado de coisas se parecerá em alguma medida com aquilo que os agentes imaginaram para ele em algum momento no passado (Kirzner, 1982).

Para Kirzner (2018a [1983]), a atividade empresarial pode ser enxergada como determinante do futuro se for considerado apenas o seu caráter coordenador no mercado. Mas, se o foco for colocado exclusivamente no aspecto criativo, seria a responsável pela completa indeterminação do futuro. Como a ação empresarial é tanto coordenadora como criativa, não se encaixa unicamente em nenhum desses polos. Essa é uma conclusão sobre a função empresarial que o próprio Kirzner destacou como paradoxal: o futuro depende das decisões empresariais realizadas no presente e no futuro; porém, quanto mais se entende a atividade empresarial, mais se reconhece a imprevisibilidade dela; logo, quanto mais se sabe sobre a determinante do futuro, a função empresarial, menos se sabe sobre o próprio futuro.

⁴ Parte das críticas do Subjetivismo Radical à tese kirzneriana também aponta para a possibilidade de erros empresariais, cuja existência anularia a tendência ao equilíbrio. Em sua defesa, Kirzner resgata duas ideias implícitas em sua teoria: (i) a tendência ao equilíbrio se mantém porque alguns empresários estão mais alerta do que outros, tal que mesmo os erros daqueles menos alerta geram novas oportunidades de lucro; (ii) o aproveitamento das oportunidades de lucro não segue uma sequência unívoca determinada em direção ao equilíbrio, antes, resulta da existência dos erros diversos que são anteriores e manifestam oportunidades de lucro, animando a atividade empresarial que confere o caráter sistemático do mercado (Kirzner, 1992a).

Kirzner reconheceu que as realidades objetivas afetam a economia, mas quis destacar, como o Subjetivismo Radical, que elas não determinam o resultado do processo de mercado. Mas a tese kirzneriana admite a existência de um intermédio feito pela mente humana entre os fatos com que os agentes se deparam e a dinâmica econômica. Os fatos objetivos influenciariam as decisões, mas não lhes determinariam, porque o fenômeno econômico seria uma expressão do comportamento humano. Não sendo imutável a relação entre os fatos objetivos na economia e a decisão individual, fica aberto o espaço para a imaginação animar o estado de alerta empresarial (Kirzner, 2015e [1992]).

Por exemplo, como visto, os Subjetivistas Radicais estariam apontando que as condições futuras de preferências e escassez seriam incertas, apenas passíveis de especulações no presente. Porém, em Kirzner (1992a), essas condições também são objetos para os quais se voltam as ações empresariais correntes, que buscam modificá-las para tirar proveito delas, e por isso o resultado futuro não fica totalmente indeterminado.

Com base nisso, e considerando as contribuições de Jakee e Spong (2003) e Korsgaard *et al.* (2016), é possível destacar a incerteza como elemento central da posição que Kirzner assumiu na “tese de Garrison”. Korsgaard *et al.* (2016) afirmaram que Kirzner suprimiu a incerteza de sua teoria quando buscou diálogo com a economia Neoclássica, implicando que esse elemento não tivesse a totalidade da sua importância destacada naquele momento. Mas o aspecto recebeu a devida ênfase quando resgatado na argumentação para a discussão com o público Austríaco. Em Jakee e Spong (2003) há um apoio para esta interpretação, uma vez que os autores notaram que Kirzner deu maior destaque à incerteza durante seu diálogo com os Subjetivistas Radicais.

Essas considerações levam à importância da incerteza no pensamento econômico kirzneriano, que se manifesta em dois níveis. No primeiro nível há a incerteza assumida no modelo econômico, aquela atribuída ao tomador de decisão e que o leva a determinar uma estrutura de fins e meios durante o processo de escolha. Essa incerteza diminui para o indivíduo conforme ele aprende por sua experiência no mercado.

No segundo nível há a incerteza externa ao modelo teórico, aquela com que o economista se depara na análise econômica, porque, embora seja capaz de entender a lógica da escolha individual, é incapaz de prever com exatidão as decisões humanas. Por conseguinte, o analista sabe com algum grau de confiança os resultados prováveis da escolha, mas sem a capacidade da perfeita previsão. Por extensão, também é capaz de visualizar para onde a economia caminha de acordo com as regularidades existentes, mas não pode determinar o resultado do processo de mercado, o equilíbrio exato, tendo sua capacidade restringida à caracterização dos aspectos mais gerais da coordenação.

Sobre o primeiro nível, Kirzner (1982) chamou a atenção para a influência da incerteza que permeia o ambiente econômico, que os agentes querem superar e o tentam por meio do elemento empresarial. Isso explica sua afirmação de que os termos “ver”, “definir” e “criar” foram usados por ele como metáforas, em contraste ao determinismo que elas possam sugerir, para destacar que é a inspiração que move indivíduo à ação.

Sobre o segundo nível, há no pensamento kirzneriano o reconhecimento de que o mercado é um fluxo contínuo e incessante que não alcança o equilíbrio, embora caminhe sistematicamente a ele (Kirzner, 1992c [1990]). Neste sentido, a admissão da incerteza não torna os resultados individuais ou de mercado aleatórios, porque assume que o agente econômico é um indivíduo que age para alcançar uma posição econômica melhor (Kirzner, 2015e [1992]).

Apesar da importância que Kirzner atribuiu para a incerteza na teoria Austríaca, ele mesmo reconheceu tê-la negligenciado para fins didáticos quando da publicação de seu principal livro, o “*Competition and Entrepreneurship*”. Kirzner explicou a ausência da incerteza no material em duas ocasiões. Na primeira, Kirzner (1982) apontou que o

objetivo da obra era explicar os defeitos da teoria dos preços em termos de sua análise do equilíbrio, o que não requeria recorrer a interpretação Austríaca do mercado como um processo em que a incerteza é um elemento fundamental. Na segunda, Kirzner (2000a [1999]), colocou como meta da publicação a ilustração de que é a função empresarial que promove a tendência ao equilíbrio no mercado, o que permitia excluir elementos teóricos caros aos Austríacos: a produção, a estrutura temporal e o caráter inovativo da ação empresarial – todos eles dependentes e agravantes da condição de incerteza.

Portanto, explicada em linguajar comum aos economistas Austríacos, a teoria da ação empresarial de Kirzner tem pontos em comum com o Subjetivismo Radical. Quando Garrison (1982) apontou a posição da Escola Austríaca, principalmente com relação ao *mainstream* da época, norteou sua discussão com base no conhecimento. Kirzner (1992a), recuperou essa discussão para propor a “tese de Garrison”, mas ampliou a argumentação para abordar a tendência ao equilíbrio como forma de posicionar sua teoria em relação ao Subjetivismo Radical na década de 1980 em meio ao debate Austríaco.

Foram destacados cinco elementos que relacionam a abordagem de Kirzner com a dos Subjetivistas Radicais. Quadro deles complementam aqueles já discutidos por Garrison (1982) e o próprio Kirzner, conhecimento e tendência ao equilíbrio, de modo que foi possível sistematizar o pensamento do autor e posicioná-lo em relação à visão Austríaca mais subjetivista em novos aspectos: natureza do processo decisório; papel empresarial na economia; função e natureza do equilíbrio; e o resultado do processo de mercado. Todos eles podem ser tomados como derivados das questões já discutidos por Garrison (1982) e Kirzner (1992a). Porém, diferente desses autores, aqui se quer destacar a incerteza como o elemento comum a todos esses pontos, justamente o que diferencia a abordagem kirzneriana do subjetivismo mais radical.

Na abordagem kirzneriana a incerteza é assumida, mas as ações são definidas como empresariais porque especulativas com base na observação de alguma realidade e a possibilidade de mudá-la. Como Kirzner considera que a economia caminha do desequilíbrio para o equilíbrio por meio do aprendizado na competição empresarial, há no processo uma transição da indeterminação à determinação do resultado do processo de mercado. Não se pode, por isso, afirmar que na abordagem kirzneriana a decisão seja determinada ou indeterminada, porque Kirzner não se situou nestes polos. Antes, buscou centrar sua posição teórica entre eles por meio da tese do estado de alerta.

Kirzner procurou relacionar sua teoria com o Subjetivismo Radical, identificando as semelhanças compartilhadas sob o arcabouço Austríaco, mas destacando os pontos de divergência e suas implicações. Isso mostra que a base comum dessas teorias se assenta na teoria Austríaca da década de 1950: os princípios metodológicos de individualismo e subjetivismo, a condição de incerteza, a estrutura temporal na análise econômica, a crítica à centralidade do equilíbrio nos modelos de competição e a noção de processo de mercado. Logo, as diferenças resultam das distintas interpretações que foram dadas à teoria Austríaca entre 1950 e 1970, sobretudo sobre a teoria da escolha, a função empresarial, a tendência ao equilíbrio e o resultado do processo de mercado. As distintas leituras acerca destes temas acabaram moldando os rumos que se apresentavam para a Escola Austríaca após o “*Revival*”, durante a constituição da Escola Austríaca Moderna, especialmente com relação ao significado da incerteza no processo de mercado.

Uma análise retórica da abordagem feita por Kirzner ao grupo que denominou de Subjetivistas Radicais mostra que ele se preocupava em dialogar em termos comuns de acordo com seus auditórios: simplificou deliberadamente sua teoria para expor críticas à visão Neoclássica sobre os preços e a tendência ao equilíbrio, ignorando implicações importantes provocadas pela condição de incerteza; escolheu elementos específicos para o debate com o Subjetivismo Radical, com quem compartilha a herança Austríaca – como

ação empresarial, conhecimento, incerteza radical etc.; e fez uso de metáforas para deixar mais larga a interpretação daquilo que cabia à atividade empresarial.

A partir disso, é possível sugerir que, além de oferecer uma teoria Austríaca para explicar o funcionamento do mercado em contraste com a economia Neoclássica, a tese da atividade empresarial de Kirzner também é uma interpretação particular que buscava definir a teoria da Escola Austríaca Moderna que tomava forma na década de 1980. Essa interpretação é explorada na próxima seção.

5. A retórica de Kirzner e a tentativa de reinvenção da Escola Austríaca

A definição kirzneriana de economia Austríaca, seja ela “moderna” ou não, recaiu de início sobre o uso de uma metodologia comum. Esta tem, entre outras características, a ênfase no subjetivismo e o descontentamento com o foco nas condições de equilíbrio, essa última qualificada pela exclusão da noção de processo (Kirzner, 2015d [1976]). O desenvolvimento da tradição Austríaca teria sido pautado pela ampliação do subjetivismo na teoria econômica, de Menger a Mises (Kirzner 2015b [1986]). Desta forma, as escolhas individuais passaram a ser encaradas frente à condição de incerteza que as envolve, transformando-as em atos especulativos, já que podem divergir entre si mesmo diante do mesmo conjunto de circunstâncias objetivas (Kirzner, 2015b [1986]; 2000b [1997]).

Portanto, há aderência entre as propostas de Kirzner e dos Subjetivistas Radicais porque essas abordagens assumem que o mercado muda de acordo com as mudanças no conhecimento dos agentes (Kirzner, 2015e [1992]). Disso resulta a indeterminação do mercado, porque diante da condição de incerteza fica aberta possibilidade de constantes mudanças no conhecimento e nas expectativas dos tomadores de decisão (Kirzner, 1993). Isso explica a possibilidade de surpresas e descobertas durante o processo de mercado, porque, não havendo predeterminação das decisões, não há um equilíbrio imediato ou a tendência a um que esteja previamente determinado (Kirzner, 2000d [1994]).

Mas, no pensamento kirzneriano, na economia Austríaca é imprescindível uma tendência à coordenação, mesmo que seu estado final fique em aberto e seja previamente desconhecido. A possibilidade dessa condição de equilíbrio, embora pressuposta apenas como ferramenta teórica, seria fundamental porque configura como destino último da expansão do conhecimento. Ela permite ver o papel do mercado na disseminação das informações entre os indivíduos. Nessa interpretação, a competição tem a função de permitir as descobertas que separam uma situação de ignorância, onde os agentes estão errando por não enxergarem o melhor uso dos seus recursos, daquela de conhecimento total, onde todos maximizam seus resultados e a economia se encontra plenamente coordenada, o equilíbrio (Kirzner, 2000d [1994]).

Ainda no começo da década de 1980, Kirzner (1982) advertia que a posição de recusar os modelos econômicos baseados no equilíbrio deveria ser pautada na admissão da incerteza ou, da mesma forma, na rejeição da totalidade do conhecimento. Porém, isso não deveria implicar naquilo que Kirzner acreditava ser outro erro desses modelos, o de ignorar que a atividade empresarial origina forças sistemáticas, conduz o processo de mercado e promove uma tendência à coordenação.

Desta forma, é possível esclarecer o pensamento econômico kirzneriano sobre a teoria do Subjetivismo Radical: não configura como fiel seguidora da tradição Austríaca. Segundo Kirzner (1994 [1985]; 2015a [1985]; 2015e [1992]), negar a tendência ao equilíbrio significa rejeitar o caráter sistemático do processo de mercado, e isso implica no sacrifício de um elemento teórico caro à Escola Austríaca, custo que os Subjetivistas Radicais teriam assumido pelo avanço no subjetivismo.

Não se quer afirmar aqui que Kirzner não tenha aceitado o Subjetivismo Radical como parte da teoria Austríaca. Antes, ao se referir a esta abordagem, Kirzner acaba lhe

identificando como um movimento teórico independente da própria Escola Austríaca. Como visto na introdução, Kirzner demorou a posicionar claramente os Subjetivistas Radicais como parte da Escola Austríaca Moderna.

Assim, no pensamento kirzneriano, o Subjetivismo Radical é entendido como um subconjunto da Escola Austríaca, porque não totalmente alinhado com aquilo que Kirzner acredita central nesta abordagem: a teoria de um processo de mercado que, apesar da incerteza, admite uma tendência ao equilíbrio – uma noção que Kirzner deduziu das obras de Mises e Hayek.

A relação de Kirzner com o grupo mais subjetivista entre os Austríacos mostra a estratégia retórica de reinventar uma tradição, qual seja, a da Escola Austríaca Moderna que surgiu como nova fase da tradição Austríaca depois do “*Austrian Revival*”. Porque Kirzner criou uma terminologia para se referir a esses autores, diferenciando-os dos demais em alguma medida, tentando definir, simultaneamente, tanto a Escola Austríaca quanto o Subjetivismo Radical. Nessa iniciativa, foi útil a Kirzner a proposta de Garrison de posicionar os Austríacos como abordagem teórica entre dois extremos, o da Escola Neoclássica e um outro indefinido. Isso permitiu à retórica kirzneriana definir a corrente oposta como a do Subjetivismo Radical e sugerir a existência da “tese de Garrison” que Kirzner passou a endossar para defender a tese da tendência ao equilíbrio.

A preocupação kirzneriana se justifica porque as ideias do Subjetivismo Radical compunham mais do que uma tese Austríaca particular, mas uma que era concorrente à sua própria que ele defende como fiel às contribuições do par Mises-Hayek. Não sendo bem-sucedido na iniciativa de afastar a influência de Lachmann sobre a teoria Austríaca, Kirzner foi mudando sua retórica quanto ao lugar dos Subjetivistas Radicais na Escola Austríaca, o que justifica o aspecto cronológico da tensão mencionada na introdução.

Como destacado na segunda seção, a análise retórica permite observar a relação entre o autor de um trabalho e seu conteúdo, a quem o texto se dirige, quais os objetivos na construção da argumentação utilizada, e como ela pode ser modificada a fim de ser apresentada a públicos distintos. Na discussão com a parcela mais subjetivista entre os Austríacos, é fácil notar que Kirzner está argumentando como seguidor das mesmas linhas teóricas gerais que seus debatedores, a despeito de oferecerem interpretações distintas a algumas ideias. Seja por ter denominado particularmente o grupo de Subjetivistas Radicais, ou pelo uso de elementos inerentes à teoria Austríaca, nota-se que Kirzner não estava dialogando com a comunidade geral dos economistas, como em outros momentos, mas com a Escola Austríaca, particularmente com os seguidores de Lachmann. O objetivo dessa estratégia, como visto, foi de convencer os Austríacos a aceitar a existência da tendência ao equilíbrio no processo de mercado, mesmo que este descreva o que ocorre em uma situação caracterizada pela condição de incerteza. Na busca por apresentar esses mesmos resultados a diferentes públicos, foi útil a Kirzner a possibilidade de enfatizar distintos elementos da sua teoria da atividade empresarial.

A diferenciação retórica nas obras de Kirzner mostra a existência de pelo menos duas motivações para o uso desta estratégia: (i) uma influência teórica, já que Kirzner se envolveu em debates com abordagens distintas; e (ii) uma influência contextual, uma vez que teve de defender a teoria da atividade empresarial quando da ressurgência da Escola Austríaca e, depois, quando da tentativa de definir tanto a base teórica quanto a agenda de pesquisa do grupo. Porém, o fato de Kirzner, por fim, ter classificado os Subjetivistas Radicais como parte da Escola Austríaca Moderna sinaliza que ele, a despeito da sua grande influência e prestígio, não foi bem-sucedido em reinventar a Escola Austríaca.

Referências

- ARIDA, Pérsio. A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 11-46, 1996.
- BARBIERI, Fabio. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. **Revista Econômica**, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008.
- BIANCHI, Ana M. Para Auditórios Diferentes, Diferentes Argumentos: Retórica Econômica nos Primórdios da Escola Latino-Americana. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 231-250, 2003.
- BIANCHI, Ana M.; SALVIANO-JUNIOR, Cleofas. Prebisch, a CEPAL e seu Discurso: Um Exercício de Análise Retórica. [1984]. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 163-179, 1996.
- BOETTKE, Peter J. [Revisão do livro *Classics in Austrian Economics, 3 volumes*, editado por Israel M. Kirzner (1994)]. **The Freeman**, p. 134-135, 1995.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, 2009.
- CASONATO, Lucas. Israel Kirzner's Presence in the History of Economic Thought: A Review of His Professional Engagement in Honor of His 91 Years. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 27, n 1, p. 1-15, 2021a.
- CASONATO, Lucas. Narrativas e a disseminação da economia de Israel Kirzner. **Anais do 49º Encontro Nacional da ANPEC**. Online, 2021b.
- CASONATO, Lucas.; ANGELI, Eduardo. Ostracismo, ressurgimento e engajamento: a importância de Kirzner para a compreensão da trajetória da Escola Austríaca. **Econômica**, v. 21, n. 2, p. 1-22, 2019.
- CASONATO, Lucas.; ANGELI, Eduardo. A abordagem comparativa como ferramenta de engajamento profissional na obra de Israel Kirzner. **Iberian Journal of the History of Economic Thought**, v. 8, n. 1, p. 67-80, 2021a.
- CASONATO, Lucas.; ANGELI, Eduardo. A argumentação de Kirzner sobre publicidade diante de dois auditórios: escola neoclássica e subjetivismo radical. **Estudos Econômicos**, v. 51, n. 4, p. 733-758, 2021b.
- CASONATO, Lucas.; ANGELI, Eduardo. A Lei da Indiferença de Jevons na argumentação de Kirzner pela relevância e singularidade da Economia Austríaca frente à Neoclássica. **Anais do 49º Encontro Nacional da ANPEC**. Online, 2021c.
- FERNÁNDEZ, Ramón G. McCloskey, Mäki e a Verdade. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 119-150, 2003.
- FERNÁNDEZ, Ramón G.; PESSALI, Huáscar F. Oliver Williamson e a Construção Retórica da Economia dos Custos de Transação. In: GALA, P.; REGO, J. M. (org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 205-229, 2003.
- FOSS, Nicolai J.; KLEIN, Peter G. Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 145-164, 2010.
- GARRISON, Roger W. Austrian Economics as the Middle Ground: Comment on Loasby. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 131-138, 1982.
- JAKEE, Keith; SPONG, Heath. Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, n. 4, p. 461-486, 2003.

- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Nature of Economic Thought: Selected Papers, 1955-64*, por G. L. S. Shackle (1966)]. **The Journal of Business**, v. 40, n. 2, p. 209-210, 1967.
- KIRZNER, Israel M. Hayek, Knowledge, and Market Processes. In: KIRZNER, I. M. **Perception, Opportunity, and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship**. Chicago: The University of Chicago Press, p. 13-33, 1979.
- KIRZNER, Israel M. Uncertainty, Discovery, and Human Action: A Study of the Entrepreneurial Profile in the Misesian System. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 139-159, 1982.
- KIRZNER, Israel M. The Use of Labels in Doctrinal History: Comment on Baird. **Cato Journal**, v. 9, n. 1, p. 231-237, 1989.
- KIRZNER, Israel M. Market process theory: in defence of the Austrian middle ground. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 3-37, 1992a.
- KIRZNER, Israel M. The Austrian School of economics. [1987]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 57-69, 1992b.
- KIRZNER, Israel M. The meaning of market process. [1990]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 38-54, 1992c.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Welfare Economics and Externalities in an Open-Ended Universe: A Modern Austrian Perspective*, por Roy E. Cordato (1992)]. **Cato Journal**, v. 13, n. 1, p. 143-149, 1993.
- KIRZNER, Israel M. On *The economics of time and ignorance*. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; PRYCHITKO, D. L. (ed.). **The Market Process: Essays in Contemporary Austrian Economics**. Brookfield: Edward Elgar, p. 38-44, 1994.
- KIRZNER, Israel M. **How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery**. London: The Institute of Economic Affairs, 1997.
- KIRZNER, Israel M. Creativity and/or Alertness: A reconsideration of Schumpeterian entrepreneur. [1999]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 239-257, 2000a.
- KIRZNER, Israel M. Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an Austrian approach. [1997]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 3-40, 2000b.
- KIRZNER, Israel M. Rationality, Entrepreneurship, and Economic “Imperialism”. [1999]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 258-271, 2000c.
- KIRZNER, Israel M. The Ethics of Competition. [1994]. In: KIRZNER, I. M. **The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics**. London: Routledge, p. 88-102, 2000d.
- KIRZNER, Israel M. Competition and Entrepreneurship. [1973]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship**, Vol. 4. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-200, 2013.
- KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship, Economics and Economists. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 139-150, 2015a.
- KIRZNER, Israel M. Ludwig von Mises and Friedrich Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism. [1986]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The**

- Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 28-47, 2015b.
- KIRZNER, Israel M. Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process. [1967]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 175-189, 2015c.
- KIRZNER, Israel M. On the method of Austrian economics. [1976]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-10, 2015d.
- KIRZNER, Israel M. Subjectivism, Freedom and Economic Law. [1992]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 111-120, 2015e.
- KIRZNER, Israel M. The Subjectivism of Austrian Economics. [1995]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 48-60, 2015f.
- KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship and the Future of Capitalism. [1983]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 82-97, 2018a.
- KIRZNER, Israel M. The Entrepreneurial Process. [1984]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund: p. 193-212, 2018b.
- KORSGAARD, Steffen; BERGLUND, Henrik; THRANE, Claus; BLENKER, Per. A tale of two Kirznars: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 40, n. 4, p. 867-889, 2016.
- MCCLOSKEY, Deirdre N. **The Rhetoric of Economics**. [1985]. 2ª edição. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998b.
- O'DRISCOLL, GP-Rizzo; RIZZO, Mario. **The Economics of Time and Ignorance**. Oxford: Blackwell, 1985.
- VAUGHN, Karen I. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- VIEIRA, José G. S. A RETÓRICA DE KEYNES NA RUPTURA DO PARADIGMA CLÁSSICO NOS ANOS 1930s. In: VIEIRA, J. G. S. **A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS E A RETÓRICA NA ECONOMIA KEYNESIANA: QUATRO ENSAIOS SOBRE O MÉTODO NA ECONOMIA**. Curitiba, 2007. 155 p. Tese – Departamento de Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, p. 101-147, 2007.